

REGIÃO METROPOLITANA

## SALVADOR

Editor-coordenador  
Luiz Lasserre  
llasserre@grupoatarde.com.br

salvador@grupoatarde.com.br

**CRIME** Mulher é morta na passarela de shopping na avenida ACM

www.atarde.com.br

**3ª IDADE** Pesquisa aponta que parte dos internos não havia recebido visitas nos últimos seis meses

# Falta de vínculo familiar é realidade de maioria de idosos em abrigos



**Espiritualidade ajuda dona Luzia Leite a vencer a solidão**



**“Não nos cabe julgar a relação familiar desses idosos”**

ROSANE BARRETO, coordenadora

**Segundo pesquisa realizada em abrigos, entre 87 idosos, 23 não sabiam o paradeiro da família**

Fotos Xando Pereira / Ag. A TARDE

**LUANA ALMEIDA**

Nos últimos dias, a programação da aposentada Zilda Pires Cidreira, 89 anos, esteve recheada de eventos sociais: peças de teatro, sessões de cinema e passeios no shopping center. Apesar da idade, ela circula por toda a cidade sem a necessidade de acompanhante. E garante que nem por isso deixa de se divertir: “Minha melhor companhia sou eu”.

Moradora há 17 anos do Lar Franciscano Santa Isabel, na Saúde, dona Zilda é uma das 58 residentes do abrigo que possui pouco ou nenhum vínculo familiar. A mesma realidade é compartilhada por 60% dos idosos que moram no local – maior centro de acolhimento privado para idosos da capital baiana.

No abrigo público Dom Pedro II, na Boa Viagem, administrado pela Secretaria Municipal de Promoção Social, Esporte e Combate à Pobreza (Semps), a situação dos abrigados é semelhante: cerca de 30% deles não têm contato constante com parentes. Do total, 16% não sabem sequer o paradeiro dos familiares.

De acordo com a assistente social e pesquisadora na área de gerontologia, Alicia Azevedo, que realizou um mapeamento, em 2016, em três abrigos privados e em um público, esta é a realidade da maioria das pessoas entre 60 e 98 anos que residem nestes lares.

Dos 160 entrevistados pela pesquisadora, 87 não havia recebido visita de familiares nos últimos seis meses. “São idosos cujas famílias já faleceram ou que sofrem de ‘abandono afetivo’, ou seja, eles têm familiares que não participam de forma ativa da vida, não se dedicam aos cuidados destas pessoas”, explicou.

Sem filhos ou irmãos, dona Zilda, que trabalhou como técnica de enfermagem, também não tem amigos. Os poucos que fez ao longo dos anos, foram se perdendo ao longo do caminho. “Por mais queridas que as pessoas sejam, a gente vai perdendo o contato”, conta.

E foi a vida, segundo ela,



**Dona Zilda Cidreira se diverte mesmo sem companhia**



**Lar Franciscano Santa Isabel acolhe 97 residentes**

que a ensina a viver sozinha. “Sinto saudade de todos, da família, dos colegas, mas é uma saudade boa, de quem soube aproveitar cada instante. Deve ser por isso que, durante todo esse tempo que moro aqui, nunca senti solidão”, diz.

## Fé como companhia

Assim como dona Zilda, Luzia Martins Gomes Leite, 87, também moradora do Lar Franciscano há mais de uma década, conta que nunca foi acometida pela solidão. “Sabe aquela solidão que cantam nas músicas? Nunca

senti”, brinca.

Da extensa família da antiga servidora pública, restaram apenas três sobrinhos que moram em outra cidade. Sem filhos ou parentes próximos, as visitas são raras: “Tenho um casal de amigos que me visitam sempre que podem”.

Nem por isso a idosa vive isolada. Ao contrário, ela tem na espiritualidade a companhia que precisa para deixar os dias mais alegres. No pequeno quarto, as imagens de Nossa Senhora de Fátima e do Sagrado Coração de Jesus estão dispostas ao



**Seu Josué Neri encontrou nova família no abrigo**



**Abrigo Dom Pedro II conta com 56 idosos internos**

lado da fotografia de dois mentores espirituais e de um líder budista.

“Meus pais morreram quando eu tinha 20 anos. Meu noivo faleceu logo em seguida. Meu irmão também faleceu após alguns anos, então só me restou a fé em Deus. É a fé que me faz companhia. Não sou do tipo que vai à missa todos os dias, porque sei que o meu Deus está comigo a todo momento”, diz, devotada.

Ao contrário de dona Zilda e dona Luzia, Josué Neri, 86, nascido em Castro Alves (a 194 quilômetros de Salva-

dor) não escolheu morar no abrigo Dom Pedro II, onde reside. Ele foi abandonado nas ruas da Cidade Baixa por um sobrinho, a quem se refere como “segundo filho”. Há cinco anos, o idoso foi levado ao abrigo por assistentes sociais da Semps.

Seu Josué não esquece não esquece deste capítulo triste da vida, no entanto, prefere lembrar dos momentos felizes que já viveu no abrigo. “Aqui é como a minha casa. Dona Aurinha – apelido da assistente social do local, Áurea Vasconcelos – é como minha mãe”, brinca.

## Entidades estimulam reaproximação com parentes

De acordo com a assistente social do abrigo Dom Pedro II, Áurea Vasconcelos, a entidade procura reestabelecer vínculos familiares com os abrigados quando estes chegam sem nenhum tipo de referência.

“Conversamos com a pessoa para tentar descobrir o nome de algum parente próximo que possa nos dar alguma pista. No entanto, tudo isso só pode ser feito com o consentimento do idoso, afinal, ele tem a opção de querer ou não estabelecer esse contato”, explica.

No Lar Franciscano, os familiares são convidados para os eventos para que tenham a oportunidade de se reaproximar. “Não nos cabe fazer julgamentos a cerca da relação familiar. Tentamos reaproximá-los, mas, caso isso não seja possível, é nossa obrigação fazer com que eles se sintam em casa”, conta a coordenadora do Lar, Rosane Barreto de Araújo.

## “Abandono afetivo”

No estudo elaborado pela pesquisadora Alicia Azevedo, dos 87 idosos que não havia recebido visitas nos últimos seis meses, apenas 23 não tinha mais nenhum contato com familiares. O restante informou que falava com parentes por telefone ou que havia recebido notícia deles.

Cerca de 60% dessas pessoas, de acordo com o mapeamento, residia com os familiares antes de morar no abrigo e 7% ainda auxiliam financeiramente parentes, mesmo sem manter contato com frequência.

Segundo a assistente social, tais informações demonstram um “abandono afetivo”, comportamento que, segundo ela, não é incomum. “As pessoas não estão dispostas a oferecer não são cuidados pessoais, mas também carinho às pessoas mais maduras, que, nesta etapa da vida, estão mais carentes de atenção”, diz.